

# PEQUENAS CAPELAS CAIÇARAS – SÍMBOLOS DE FÉ E ESPAÇOS DE DEVOÇÃO NO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Data de aceite: 01/02/2024*

### **Rosângela Dias da Ressurreição**

Mestre em História Social pela PUC/SP e doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, PUC / SP Pontifícia Universidade Católica

**RESUMO:** A história do caiçara, morador do litoral norte do estado de São Paulo, é baseada em práticas religiosas do cotidiano, por meio das quais as coisas sagradas se tornam vivas e reais, possibilitando uma conexão do materiais e espirituais. O homem caiçara para marcar sua religiosidade construiu capelas, que é a morada de Deus, a presença da fé.. Segundo o sociólogo Emilé Durkheim, o templo é um lugar sagrado, porque conscientiza os indivíduos do coletivo do qual fazem parte e da história que os une. O pesquisador Edin Sued Abumanssur usa a terminologia de ‘Marc Augé’, onde os templos seriam espaços existenciais definidos como identitário, relacionais e históricos. O templo, enquanto um ‘lugar’, simboliza a relação dos indivíduos consigo mesmos, com outros indivíduos que frequentam o mesmo templo e com uma história comum (ABUMASSUR, 2000,

p.188). Nesse sentido, a expressão de fé do caiçara torna-se visível e tangível na prática religiosa cotidiana. De acordo com nossa proposta, revelar a importância da religiosidade do homem caiçara, e vincular o desenvolvimento dos bairros que compõem a cidade de São Sebastião com a arquitetura existente nas diversas capelas existentes em cada praia/comunidade. As capelas caiçaras fascinam por sua arquitetura e decoração simples. Foram construídas pela comunidade caiçara na virada do século, marcando um período em que a região era dominada pelo isolamento e por uma economia de subsistência. As famílias caiçaras que se recusam a vender suas terras à beira-mar são aquelas que desde o surgimento da comunidade estão envolvidas na construção, manutenção ritual, limpeza e preservação das edificações. Observamos que em alguns bairros/praias existem certas disputas entre famílias caiçaras e moradores que vem de outras localidades por diversos motivos. Este trabalho é um estudo exploratório que visa documentar a memória do povo caiçara por meio de documentação fotográfica e pesquisa de campo. Usamos conceitos como religião material ao lermos o trabalho de Birgit Meyer, Meredith McGuire, David Morgan e

outros. Concluímos que a arquitetura religiosa e seus símbolos influenciaram a construção da identidade religiosa dos moradores do litoral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião Material, Fé, Arquitetura, Devoção aos Santos

**ABSTRACT:** The story of the caiçara, a resident of the north coast of the state of São Paulo, is based on everyday religious practices, through which sacred things become vivid and real, enabling a connection between the material and spiritual. The caiçara man, to mark his religiosity, built chapels, which is the home of God, the presence of faith. According to sociologist Emilé Durkheim, the temple is a sacred place, because it makes individuals aware of the collective they are part of and the history that unites them. Researcher Edin Sued Abumanssur uses the terminology of 'Marc Augé', where temples would be existential spaces defined as identity, relational and historical. The temple, as a 'place', symbolizes the relationship of individuals with themselves, with other individuals who attend the same temple and with a common history (ABUMASSUR, 2000, p.188). In this sense, the caiçara's expression of faith becomes visible and tangible in everyday religious practice. According to our proposal, reveal the importance of the religiosity of caiçara men, and link the development of the neighborhoods that make up the city of São Sebastião with the existing architecture in the various chapels on each beach/community. Caiçara chapels fascinate with their simple architecture and decoration. They were built by the Caiçara community at the turn of the century, marking a period in which the region was dominated by isolation and a subsistence economy. The caiçara families who refuse to sell their land by the sea are those who, since the emergence of the community, have been involved in the construction, ritual maintenance, cleaning and preservation of buildings. We observed that in some neighborhoods/beaches there are certain disputes between caiçara families and residents who come from other locations for various reasons. This work is an exploratory study that aims to document the memory of the Caiçara people through photographic documentation and field research. We use concepts like material religion when reading the work of Birgit Meyer, Meredith McGuire, David Morgan, and others. We conclude that religious architecture and its symbols influenced the construction of the religious identity of coastal residents.

**KEYWORDS:** Material Religion , Faith, Architecture, Devotion to the Saints

## **PEQUENAS CAPELAS CAIÇARAS – SÍMBOLOS DE FÉ E ESPAÇOS DE DEVOÇÃO NO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO**

O presente artigo aborda a relação existente entre arquitetura e religiosidade no litoral norte paulista, partindo da compreensão de que a religião sempre fez parte do cotidiano dos caiçaras, habitantes do município de São Sebastião.

Os homens estão imersos na religiosidade, desde o nascimento, fenômeno biológico simbolicamente divino, o cristão iniciava a observação e o aprendizado dos preceitos católicos. A seguir vinham batismos, catecismos, confissões, rezas, missas e festas, rituais cuja frequência e irrupção no dia a dia modelavam e modelam a sociedade, onde os oratórios, rosários, imagens sacras e relicários são alguns dos principais condensadores da devoção.

Os procedimentos metodológicos adotados se firmaram em pesquisas bibliográficas e documentais sobre a história da cidade, bem como um levantamento fotográfico de Igrejas existentes nos bairros do município. Quanto à forma de abordagem dos dados coletados, nos apoiamos na pesquisa qualitativa, tomando os ambientes estudados como fonte privilegiada de análise de dados e construção de conhecimentos. O trabalho de campo, sendo a arte de interrogar e escutar, de saber quando confiar em um instinto ou numa intuição nos levou a realização de diferentes depoimentos dos antigos caiçaras. O viés para analisar o modo de ser caiçara é a observação participativa da vida cotidiana, porque o cotidiano é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Percebe-se no cotidiano a forte influência da Igreja Católica na vida dos indivíduos do Brasil colônia até os dias atuais, presente na impregnação de seus valores no cotidiano.

A religiosidade popular é analisada por Pierre Sanchis como um produto que emerge das margens dos lugares em que os núcleos de síntese institucionais eventualmente copresentes na sociedade se atingem mutuamente, se recobrem, articulam-se entre si. O espaço de tal religiosidade torna-se o espaço de críticas, de reivindicações, um espaço fecundo para a reinterpretações. Pela religiosidade, o caiçara encontra um espaço de mediação entre o a religião institucional que determina, sistematiza, organiza. E nesse espaço intermediário que constitui a vivência religiosa dos grupos, as caiçaras trazem para si, as determinações religiosas institucionais e as reinterpretam. Seria o caso das festividades religiosas

O antropólogo Pierre Sanchis afirma que religião é cultura. Uma cultura católico-brasileira, segundo ele que se definiria por valores, dogmas ou princípios católicos, mesmo que esses conteúdos lhe sejam também constitutivos, mas, ao contrário, o autor destaca o um jeito católico das coisas acontecerem e se instituírem no Brasil, referindo-se ao um tipo ideal, que possa ter uma correspondência com um evento histórico, no entanto opera como “uma força motora, princípio de orientação da realidade, sempre em ação e sempre orientado na mesma direção”. Em função disso, destaca Sanchis as mudanças que ocorrem na cultura brasileira, tanto no sentido de uma incorporação do novo quanto de uma reformulação da tradição, aconteceriam orientadas por esse vetor. (SANCHIS, 2006. p.94).

O antropólogo conclui que a religião é um fato fundante da vida social

Não a religião como um sistema unificado de dogmas, rituais, princípios morais articulados por uma instituição, mas a religião como expressão de um habitus, marcado, na origem, por uma encruzilhada fundadora de tradições desterritorializadas geograficamente, no caso dos portugueses e dos africanos, e culturalmente, no caso dos indígenas. O catolicismo institui-se como a religião dos brasileiros, na medida em que mantém, em seu núcleo, a força estruturante da diversidade e da pluralidade da origem. (STEIL, 2018.p. 319)

Para Sanchis é a experiência do sagrado que permite identificar o campo da religião

, sendo ela que organiza essa experiência coletiva, delimita e define um universo simbólico polarizado pela oposição sagrado e profano, ela instaura em torno desse universo uma comunidade e celebra-o num conjunto ritual. Sendo assim, um sistema que confere sentido ao mundo e a existência humana e que visa a um absoluto. É nesse sentido que a religião se constitui como uma cultura (SANCHIS, 2018.p. 25).

Carlos Rodrigues Brandão na obra “Deuses do povo”, sua pesquisa para doutorado na Universidade de São Paulo, investigou com profundidade sobre a religião popular. O autor afirma com propriedade que “a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião”. Para Brandão, é nesse espaço que a religião:

se revela, viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais de vida e dos símbolos, ela existe em franco estágio de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito e o domínio dos subalternos. (BRANDÃO, 1986, p. 15)

Outro estudo referente a religiosidade popular é da antropóloga Alba Maria Zaluar em “Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular” (1983), trabalho revelador dos sinais essenciais e corriqueiros da vida, como formas de crença e culto, do cotidiano ou dos dias de festa da comunidade. A autora realizou um estudo etnográfico da vida religiosa em alguns municípios<sup>1</sup> demonstrando como resultado das pesquisas de campo que o conceito de catolicismo popular, em última análise vem a ser a questão de que classes sociais compartilham as mesmas práticas e crenças religiosas. E argumenta que:

o catolicismo popular, enquanto sistema ideológico, tem caráter cosmicizante. Visto que, através dele, cria-se uma ordem universal com a qual se funde a própria ordem social, ao serem projetados no universo os significados da ordem construída pelo homem. Deus e os Santos são vistos como construtores e garantidores dessa ordem cósmica que rege as relações dos homens entre si. (ZALUAR, 1983, p.123)

E por fim, conclui que “a religião oferece a única forma de pensamento e linguagem para expressar as relações entre as classes e para avaliar a sua justiça” (ZALUAR, 1983.p. 123). Reforçando a ideia proposta por Brandão de que “a religião popular não é de igreja, mas da comunidade e que não há lugares sociais de separação de iniciados, nem há sujeitos sociais separados[...]” (BRANDÃO, 1986.p. 159).

## RELIGIÃO E MATERIALIDADES - ARQUITETURA

As materialidades são um tema presente no debate antropológico atual ou, em outras palavras, precisamente no cruzamento de interesses de uma série de disciplinas, configurando uma espécie de horizonte de compartilhamento de preocupações. Nesse

<sup>1</sup> Alba Zaluar pesquisou as comunidades dos municípios de Piaçabuçu, local que reunia vários tipos de povoados localizado as margens do Rio São Francisco; no estado de São Paulo, o município de Itaipava e Cruz das Almas.

trabalho aproxima-se da proposta trazida pela pesquisadora Birgit Meyer, que acredita que a religião “não pode ser analisada separadamente das formas e práticas de mediação que a definem.” Meyer insiste em afirmar que a “religião é um recurso que produz diferentes formas de expressão que não se limitam à esfera institucional, mas são articuladas na esfera pública, e em parte a (re)modelam, na era da informação” (MEYER, 2004, p. 94).

A cultura material refere-se ao que é perceptível e cultural, incluindo os artefatos dentro de seus contextos, processos e às habilidades de uso e produção que cercam os artefatos interpenetrados. A cultura material inclui espaço e tempo. Neste trabalho, a base teórica para o entendimento da religião estará pautada na abordagem da Religião Material.

Ao se referir à ‘religião material’, faz-se referência à possibilidade de considerar a religião a partir de suas formas materiais e do uso que se faz desses materiais na prática religiosa. Trata-se de um movimento que reage ao entendimento da religião e da prática religiosa como fenômenos cognitivos, que ocorreriam inicialmente no plano das ideias e, posteriormente, se projetariam em representações materiais.

Este estudo mostra que ao chamar a atenção para os ‘objetos’ no campo da religião, abre um amplo campo de investigação<sup>23</sup>. Compreende-se que os objetos são elementos essenciais que nos cercam, constituindo um dos dados primários do contato do indivíduo com o mundo. Portanto, são reflexos de nós mesmos, cheios de significados que servem como chave para o autoconhecimento.

Assim, compreender a relação humana com os objetos é uma maneira de entender as sociedades e seu desenvolvimento.

O homem caçara para marcar sua religiosidade construiu capelas, um habitar de Deus onde habita a fé. Na visão do sociólogo Emile Durkheim, o templo é um lugar sagrado, pois possibilita aos indivíduos tomarem consciência da coletividade da qual participam e da história que os une. Já o pesquisador Edin Sued Abumanssur utiliza-se da terminologia de ‘Marc Augé’, onde os templos seriam espaços existenciais definidos como identitário, relacionais e históricos. O templo, enquanto um ‘lugar’, simboliza a relação dos indivíduos consigo mesmos, com outros indivíduos que frequentam o mesmo templo e com uma história comum (ABUMASSUR, 2000, p.188).

A cidade de São Sebastião possui 12 capelas espalhadas pelos bairros e praias do município.

Para conduzir o leitor para o conhecimento dessa arquitetura e a simplicidade de cada templo religioso construído pelos caçaras, faremos uso das fotografias. As imagens intercaladas com textos baseiam-se na seguinte inquietação: como o ver pode afetar a forma como as religiões são praticadas e, ainda, como a compreensão do ato de ver afeta a

---

3 Assumo a perspectiva adotada nesse trabalho do termo “objeto” e não “coisas”. “Objeto” definido por Marcus Dohman, pesquisador do Núcleo de Estudos do Objeto (NEO). Segundo o pesquisador, vivenciamos o mundo físico através dos objetos fabricados que nele se encontram. Essa fisicalidade, segundo o pesquisador, agrega entre outros valores – os religiosos. Também Abraham Moles, Alfred Gell, adotam o termo objeto.

maneira como se observa a religião. Nesse momento deve-se pensar como o autor Helmut Renders, o qual considera as imagens como linguagens imagéticas da religião (RENDERS; 2009, p.704).

Utilizaremos imagens fotográficas das capelas por considerar que as imagens têm o poder de desvendar a realidade das coisas, bem como a essência do tempo no sentido em que ela enquadra um fato específico ocorrido em um determinado momento, trazendo de volta a imagem de faces, lugares, coisas, memórias, fatos históricos e sociais, relacionados aos momentos em que ocorreram. Como aponta a referida Bittencourt “ao apreender momentos no tempo, a fotografia aponta para a passagem do tempo” (BITTENCOURT, 1994, p.223).

Ao longo deste estudo, pudemos perceber que a arquitetura tem forte influência na religiosidade dos fiéis que frequentam as igrejas e os templos, em busca de um suporte espiritual. Assim, a arquitetura sacra tem por objetivo criar uma atmosfera contemplativa para que as pessoas que ali se encontrem possam elevar os seus corações à Deus.

O bairros que compõe o município de São Sebastião, foram cortados pela construção da rodovia Rio-Santos ( BR -101), o município faz divisa com o município de Caraguatatuba , ao norte e ao sul com o município de Bertoga.

O **bairro de Boissucanga**, espaço territorial de divisa de terras entre tupiniquins e tupinambás, Boiçucanga é um dos mais antigos povoados da região. A devoção à Nossa Senhora da Imaculada Conceição em Boiçucanga remonta ao séc. XVII, quando foi erigida na localidade pequena capela de pau-a-pique, no mesmo sítio onde foi construída esta capela. Tendo ruído no início deste século, a atual capela foi construída por volta de 1958.





Imagem 1 e 2 - Capela Nossa Senhora da Imaculada Conceição em **Boiçucanga**

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 1994

Em **Maresias**, temos a Capela de São Benedito. A capela tem sua fachada no alinhamento da estrada BR -101 em frente à Praça de Maresias, interrompendo a relação da capela com a praia para onde ela se volta.



Imagem 3 e 4 - da Capela de **Maresias**

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 1994

Implantada em local privilegiado, na margem esquerda **do Rio Sahy**, ao lado da ponte que faz ligação entre a vila e o local da capela há uma casa (já reformada) onde eram feitas as rezas até a construção da capela. O pátio frontal é utilizado para festas religiosas.



Imagem 5 e 6 - Capela da praia/bairro **Barra do Sahy**, Nossa Senhora Santana  
Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal,1994

A capela do praia/bairro **Toque Toque Grande**, na costa sul do município, se encontra isolada de outras construções, não possuindo anexos. Voltada para o mar possui espaço frontal que dá para uma praça. No aspecto geral a ambiência a valoriza. Em grande parte, mantém o aspecto original sendo uma das capelas conservadas da Costa Sul. Devção à Sant'Ana.



Imagem 7 - Capela do praia/bairro Toque Toque Grande:  
Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal,1994

Capela do Cemitério de **Juquey**, implantada nos fundos do cemitério do bairro, da

entrada à fachada da capela há uma alameda de pinheiros. O típico cemitério caiçara se mantém, com túmulos caiados ou simplesmente plantados.

Capela de pequenas dimensões, um só corpo de construção, com fachada composta por frontão triangular, em degraus que acompanha a empena, ladeado por pináculos e apenas um vão, a porta de entrada, sem esquadrias.



Imagem 8 e 9 - Capela do Cemitério de Juquey:

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 1994

Selecionamos para este estudo três capelas: **Capela do Bom Jesus da Enseada**; a capela de **Nsr<sup>a</sup> Imaculada Conceição do bairro/praias Pauba**, e a **capela de Toque Toque Pequeno**. Bem arquitetônico religioso que reproduz a tradição caiçara de erigirem-se nos povoados praianos templos singelos, sob invocação impressa por determinada família ou nascida de forma orgânica. Além do caráter litúrgico, estes monumentos balizavam festividades religiosas e profanas. Para exemplificar nossa compreensão de que o significado dos objetos está inscrito em seus usos, em outras palavras, compreender a alma presente nos objetos a partir de revelações de memórias, identidades, convido o leitor a visitar a trajetória de vida da Capela do bairro da Enseada, onde o santo de devoção é Bom Jesus.

Na estrada Rio /Santos, a divisa entre os municípios de Caraguatatuba e São Sebastião, geograficamente se dá no momento que o Rio Juquerequê se encontra com o mar. Mas, para os moradores do litoral norte, a divisão de territórios está localizada em uma edificação singela e charmosa: A Capela do Senhor Bom Jesus localizada no bairro da Enseada é entendida como patrimônio histórico, localiza-se no primeiro bairro/praias do lado norte do município de São Sebastião.

Trata-se do bairro da Enseada que compreende o extremo sul da Enseada de Caraguatatuba, acidente geográfico formado por terrenos de sedimentação oriunda dos contrafortes da Serra do Mar. A hidrografia peculiar e o relevo plano a caracterizam como lagamar, onde a concorrência de pequenos córregos, mangue e retração acentuada das marés, que originam baixas profundidades na orla da praia, proporcionam um cenário de extremo valor ambiental e paisagístico.

No início do século XX as peculiaridades desta região trouxeram expedições técnicas, como a CGGESP, o agrônomo em 1912 observou que

A praia da Enseada é muito povoada, e as culturas, principalmente de canna e mandioca, estendem-se pela grande varzea atrás da praia ou galgam a encosta da Serra do Dom até grandes alturas. Numerosas casas estão espalhadas pela planície, e há vários estabelecimentos comerciais. Um caminho segue deste lugar para o rio Claro atravessando a várzea e depois a serra do Tinguý estando agora em projecto a sua continuação até o alto da serra, enquanto a praia se estende em enorme e fraca curva de doze kilometros além da Enseada pela foz do grande rio Juquerequerê, que tem suas cabeceiras no alto da Serra do Mar, e que constitue divisa entre os municípios de São Sebastião e Caraguatatuba, tomando a praia esta denominação além do rio. (CGGESP.1919 SP; s/d, in site).

Da ocupação denominada tupi, obtemos informações nos antigos mapas e nos relatos de missionários e viajantes, que a denominaram Enseada dos Guaromomins, possivelmente território de uma cultura aparentada com as tradições tupinambás e tupiniquins. (CAMPOS, 2000, p.32)

A Capela do Senhor Bom Jesus localizada no bairro da Enseada, entre a praia e a estrada, a Rodovia SP-55, selecionamos porque é uma capela que de fato, apresenta um dos elementos que propomos pesquisar a resistência do modo de ser caiçara atrelada a religiosidade. A capela é a materialidade dessa resistência da identidade caiçara.

A Capela do Senhor Bom Jesus da Enseada apresenta uma estética jesuíta das primeiras capelas construídas no Brasil. Erguida no segundo quartel do século XX, em alvenaria de tijolos cerâmicos. Apresenta a configuração tradicional de frontão e pequena torre sineira com a peculiaridade de cúpula decorada com embrechamento de conchas e difere-se das outras capelas caiçaras por apresentar sua fachada voltada para a Serra do Mar, as demais capelas tem sua fachada voltada para o mar. A fachada principal é composta por frontão em pequenas volutas, que acompanham as duas águas do telhado ladeado por pináculos e torre lateral, provavelmente construída posteriormente. Acima da porta se encontra o vão de sineiro inutilizado e a lateral da torre guarda marcas do cunhal e pináculos idênticos aos da lateral oposta. A torre possui cobertura triangular revestida de lajotas. Posteriormente foi construído um alpendre que congestiona a fachada principal com a cobertura em duas águas e um anexo de uma caída de telhado. A capela possui um corpo, sem arco separando nave e altar-mor.

A charmosa fachada da edificação está rodeada por árvores, o chapéu de sol faz sombra necessária em dias quentes de verão. Sendo um convite para sentar-se ao lado desse templo ouvindo o som que vem do mar a sua frente e contemplar a natureza. Na lateral da capelinha tem uma grande área gramada, local que em outros tempos servia para momentos festivos.

Em seu interior a capelinha era simples, possuía um altar com a imagem de Bom Jesus entre outras imagens sacras. Nosso depoente, o caiçara Salomão nos conta que

essa capela foi construída em terras de Felismon Frugoli. Dona Ilza Celeste Santana de Castro lembra que “Benedito Frugoli tomou as providencias necessárias para a autorização e o construtor oficial foi senhor Francisco Alcântara”.



Imagem 10 e 11 - Capela do Bom Jesus da Enseada  
Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 1994

Ressaltamos ao leitor que a sequência das fotografias é uma proposta de conduzir o olhar sobre esses locais de culto visto que consideramos o registro fotográfico das capelas facilitador da coleta de dados. Inspirados nas reflexões de Paul Ricoeur segundo ele há uma analogia entre arquitetura e narratividades que possibilita entender ambas como operações configurantes. Em suas palavras “a arquitetura está para o espaço como a narrativa está para o tempo, a saber, como operação configurante” (RICOEUR, 2002, p.44).



Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 2005



Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 2005

Imagem 12 e 13 - Capela do Bom Jesus da Enseada, situação em 2005

Considerando que os objetos carregam informações extrínsecas a eles mesmos, sustentam memórias, relações e histórias, que não são possíveis deduzir a partir de sua materialidade, sendo necessário evocar as suas almas através do saudosismo e das sensações que eles possam instigar nas pessoas. A memória tem lugar, está inscrita no espaço. Este, por sua vez, apresenta diferentes temporalidades, carregada de valores e histórias, realizações e desejos, que permanecem inscritos na matéria. O passado se faz presente no fenômeno histórico de forma transfigurada, por meio de lembranças encobridoras ou atos de memória.

Por meio de entrevistas, durante uma estimulação de recordações, houve uma longa conversa com o caiçara Sebastião Salomão, 88 anos<sup>4</sup>. Assim, esta observação participante revela detalhes importantes desses saborosos pequenos eventos da vida cotidiana do modo de vida caiçara. Embora pessoais, os registros testemunhais devem ser vistos como recortes únicos da memória coletiva, ou seja, como forma de inserção específica no contexto social mais amplo, pois a história de vida é parte integrante de uma história mais geral.

Nossas memórias ainda são coletivas e lembradas de nós por outra pessoa, mesmo que sejam eventos em que apenas nós estivemos envolvidos e objetos que só vimos um ao outro. Isso acontece porque nunca estamos sozinhos. Não há necessidade de outras pessoas existirem fisicamente, ao contrário de nós, porque sempre carregamos certo número de pessoas sem confusão. Assim, o passado é a matéria-prima da memória.

---

<sup>4</sup> Entrevista com o caiçara Sebastião Salomão de 88 anos. Residente do bairro da Enseada.

Portanto, toda a leitura do passado é uma leitura do e no presente. A memória influencia na construção de nossa identidade, permitindo que o indivíduo construa sua própria identidade, sem memória, não há identidade.

A história analisa as sociedades e os grupos sociais que dela fazem parte de uma perspectiva externa; em vez disso, a memória é a reconstrução da experiência pessoal e social que sempre se desdobra de dentro do grupo para fornecer a seus membros uma estrutura análoga para conhecer a si mesma. Ecléa Bosi (1979) também se refere à memória coletiva como forma de resistência e reconstrução do passado.

A pesquisadora e socióloga Sílvia Regina Paes documenta que a contação de histórias é uma prática permanente do caiçara, tanto durante o trabalho e até em horas de dormir, como forma de entretenimento, ouvir histórias é um exercício constante de memória, um sentimento de pertencimento ao universo, à natureza, a uma sociedade estabelecida (PAES, 1998, p.19).

Voltemos para nossa conversa com os pescadores da comunidade da Enseada. O encontro com caiçaras na praia chamada canto da Figueira, lado sul da praia da Enseada, foram momentos únicos de muita aprendizagem, sobre a simplicidade do viver, e de entender o espaço como um indicador da identidade cultural de uma sociedade.



Imagem 14 E 15- Rancho de pescadores da Enseada, praia da figueira.

Fonte: Compõe o material etnográfico da pesquisa/Fotografia da própria autora;2022

Os pescadores caiçaras se revelam como possuidores de conhecimentos da natureza a partir da experiência, observação e aprendizado com os mais velhos. Nos registros de Paes, “um legado muito forte que os caiçaras trouxeram foi o indígena” (PAES, 1998, p.26). A fotografia acima, dos ranchos dos pescadores foi escolhido para esse trabalho pensando não apenas como um meio para a observação do lugar, mas no seu misto de possibilidades ao mesmo tempo como registro, rememoração e construção de textos visuais.



Imagem 16 - Pescadores puxando a canoa, bairro da enseada, 1956.

Fonte: Acervo do caiçara Sebastião Salomão, 1956

O caiçara Salomão disse em um de nossos encontros que “antes da construção da capela as pessoas rezavam o terço na casa de Sebastião Valentim, e durante a Quaresma o terço era rezado todos os dias”. Em 05 de maio de 1950, quando foi inaugurada a igreja do Bom Jesus da Enseada, o senhor Salomão era coroinha, e o padre Jorge perguntou a Salomão se conhecia alguém que fizesse foguete. O coroinha imediatamente disse que sabia e combinado o seguinte:

Depois da missa inaugural, o padre pedia que as pessoas se afastassem porque Salomão, o coroinha, de lampião, aquele tipo Aladim. Então, depois da missa, padre George disse a todos para ir embora [...] eu fui o acender o pavio atrás da capela na praia [...] eu acendi e corri pela praia até o canto da figueira, onde era minha casa. Olha fez um estrondo tão grande, fez um barulho alto e causou muito estrago – rachou a parede de trás da igreja, derrubou Santo Antônio, que quebrou a cabeça, e São João também caiu. (Depoimento de Sebastião Salomão)

Salomão disse não ter levado bronca nem de seu pai e nem do padre, mas teve que levar as imagens santas para colar. Maurice Halbwachs argumenta que nós conservamos as nossas recordações através da referência ao meio material que nos cerca, ou seja, por meio dos objetos que estão à nossa disposição e ativam as nossas lembranças.

Em nossa compreensão, os objetos possuem uma alma que está relacionada ao

invisível, ao imaterial, o que não percebemos a partir da materialidade, a alma dá sentido às coisas. Os objetos são impregnados de sentimentos, simbolismos e memórias, que estão relacionados ao contexto social ao qual foram criados, eles sempre se remeterão a alguém ou a um lugar, que serão percebidos ou restituídos através de evocações de lembranças e emoções pessoais e coletivas.

Podemos compreender o significado dessa capela na vida dos moradores do bairro da Enseada ao ouvir o relato emocionado do caiçara Salomão. O caiçara nos conta que os jovens da sua época, ao cair da tarde, se reuniam ao lado da capela embaixo das árvores, e esse era o local que as amizades e namoros aconteciam.



Imagens 17, 18, 19 e 20 - Capela Bom Jesus diferentes angulos

Fonte: Compõe o material etnográfico da pesquisa/Fotografia da própria autora;2023.

A capela de Bom Jesus foi construída por mãos caiçaras, um marco inicial do vilarejo da Enseada, e durante muitos anos dominou a entrada norte da cidade. O crescimento desordenado da área e as reformas na estrada prejudicaram e degradaram a área.

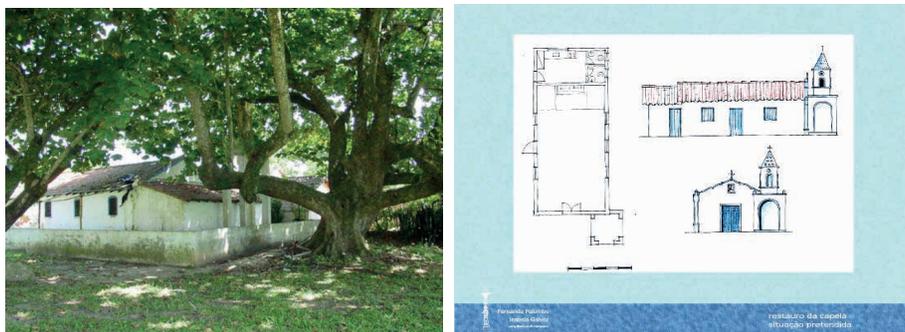


Imagem 21 e 22 – Capela Bom Jesus /árvores



Imagem 23 - A situação da capela com a duplicação da estrada Rio/Santos

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 2004

Após a duplicação da estrada Rio/Santos, a edificação ficou na margem da estrada, o que inviabilizou sua utilização religiosa, outro templo dentro do bairro foi erguido. Mas os moradores, muitos ainda vivos que haviam ajudado a erguer a capelinha, ficaram incomodados em fechar definitivamente esse lugar sagrado. Essa insatisfação criou forma e o movimento cresceu em torno da proposta de manter em pé a construção da capela.



Imagem 24 - A situação da capela com a duplicação da estrada Rio/Santos

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 2005

A capelinha da Enseada é uma edificação que apresenta simplicidade arquitetônica, sem rebuscamentos decorativos e, no entanto, de mostrou-se o quanto é importante na vida dos moradores do local. Essa edificação além de se constituir em símbolo do poder espiritual aliado ao poder temporal dessa comunidade. Espaço que como vimos nos relatos, agrega um conjunto de práticas e representações vinculado ao sagrado. A capela resistiu aos intentos do prefeito da cidade (2009-2016) em derrubá-la para construir uma capela mais para dentro da praia, que serviria para casamentos na praia, um evento bem lucrativo.<sup>5</sup> Os moradores se organizaram, e ocorreram muitos encontros, houve, inclusive, intervenção da superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de São Paulo. Após um restauro, em 2020, passou a abrigar uma sala de memórias dos moradores do bairro, um pequeno museu regional com imagens sacras, fotografias e artefatos doados pelos moradores do bairro.



Imagem 25 - Capela Bom Jesus da Enseada abandonada

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 2019

<sup>5</sup> Há uma legislação municipal de proteção das capelas caiçaras. Lei Municipal 943/94 ela é clara em relação à preservação do bem: “*finalidade de proteger e preservar esses imóveis*”; por proteção e preservação entende-se a conservação do bem protegido, sendo proibida a sua destruição.



Imagem 26 e 27 - da Capela como Museu do bairro

Fonte: Compõe o material etnográfico da pesquisa/Fotografia da própria autora;2023.

Outra capela que dedicamos mais tempo na pesquisa de campo, é a Capela do Paúba, construída por volta dos anos 30/40 em devoção à Nossa Sr<sup>a</sup>. Imaculada Conceição. A primeira parte foi construída por esforço da comunidade e do construtor Sebastião Izidoro, através das economias com a venda do peixe. Devoção à Nossa Sr<sup>a</sup> Da Imaculada Conceição.



Imagem 28 - Capela do Paúba

Fonte: Compõe o material etnográfico da pesquisa/Fotografia da própria autora;2022.

O que nos motivou a selecionar essa capela está no fato de que diferente das outras praias da parte sul da cidade como Maresias, Boissucanga, Juquei, entre outras, locais mais conhecidos dos turistas e, também, presentes em algumas publicações. Referente à praia do Paúba não localizamos nenhuma publicação. A praia do Paúba fica entre as praias de Toque Toque Pequeno e Santiago. Para localizá-la é necessário afastar-se um pouco da estrada Rio-Santos. A praia/bairro do Paúba é um paraíso. A comunidade de pescadores foi se construindo em torno da edificação religiosa.

Na região central do bairro, voltada a face para o mar, está a capelinha do Paúba. Em seu entorno casinhas caiçaras de construção simples completam a paisagem. A capelinha é uma construção de tijolos de barro na parte antiga, sua fachada e implantação representam a tradição de capelas de bairro, com resquícios da tradição colonial no Brasil. Podemos reconhecer nesta capela o modelo utilizado nas demais construções religiosas da Costa Sul de São Sebastião, caracterizadas pela fachada com frontão triangular ladeado por pináculos e pequeno sineiro. Construídas por esforço da comunidade caiçara e do construtor Sebastião Izidoro, através das economias com a venda do peixe. Devoção à N. Sra. Da Imaculada Conceição, conforme relato dos nossos depoentes, moradores vizinhos a edificação.

Nesse lugar, ao lado da capelinha encontro a casa dos pescadores Almir, Valmir e seu pai. Na entrada da casa há um portão, sempre aberto que dá para um rancho de canoas, encontramos nele redes, apetrechos para pesca, balaios, remos e bancos... foi nesse lugar que ocorreram nossas conversas. Local de rememorar tempos passados e se reinventar para o atual.

A capelinha apresenta a fachada composta por frontão triangular, a empena é formada por degraus, ladeados pelos pináculos. Na ornamentação encontra-se desenhos geométricos (tipo bandeira do Brasil). Essa edificação já sofreu algumas alterações, o sineiro, apesar de central foi um pouco deslocado. As esquadrias de madeira foram trocadas por vitrôs de ferro. Podemos ver que a capelinha possuiu uma construção mais antiga, original e um anexo posterior, ambos com duas águas de cobertura. A área original é composta por nave e capela-mor separadas por arco. Possui forração de madeira recente acompanhando as caídas do telhado. Na área nova ficam as dependências de apoio.

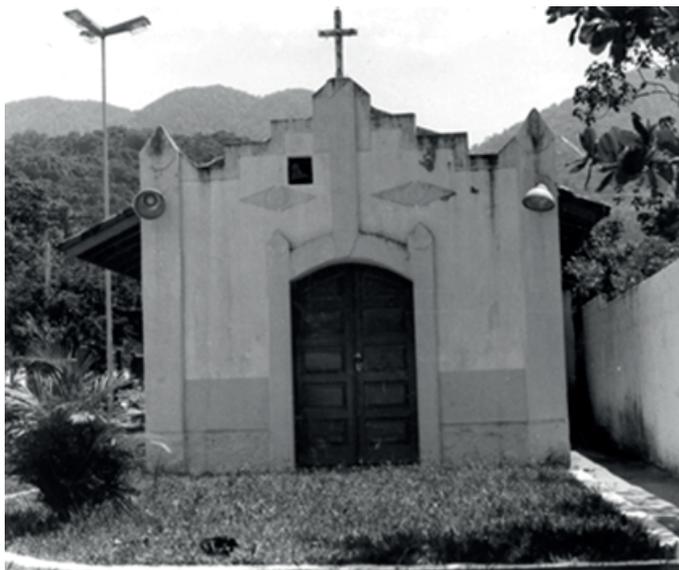


Imagem 29 - Capela do Paúba - devoção à Nossa Sr<sup>a</sup>. da Imaculada Conceição

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal ,1994

O caiçara Almir da Cruz conta que:

A igreja do Paúba é de caiçara, porque o povo daqui era muito católico. A santa de devoção dos caiçaras daqui sempre foi Nossa Sr<sup>a</sup> Imaculada Conceição, desde que me entendo por gente essa Santa é a nossa padroeira, ela protege os moradores do Paúba. Mas na década de 90 trouxeram Santa Paulina e coloram no altar. (Almir, entrevista em 27 de abril de 2022)

Almir relata e expressa tristeza quando diz: “Uma madre paulina, Madre Superior do Convento da Faculdade do Chile – essa madre é parente do senhor Carlos, veio visitar ele aqui no Paúba e trouxe essa imagem da Santa Paulina”.



Imagem 30 - do interior da capela e seus altares

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 1994

A capelinha de Paúba possui muitas imagens sacras e três altares. No altar principal está a imagem de Nossa Sr<sup>a</sup> Imaculada Conceição.

Ocorreu um roubo da imagem de Nsra Imaculada Conceição da capela. Almir conta que “a imagem foi roubada e ficou em um antiquário em Campinas, era uma imagem de marfim, uma obra de Alejadrinho - um barco espanhol afundou na praia de Maresias e a imagem de Nossa Sr<sup>a</sup> Imaculada Conceição em marfim, os pescadores de Paúba trouxeram para igrejinha”. Valdineia acrescenta, “aqui tinha o Rosário, éramos todos católicos e não tinha esse negócio de mudar de religião”.

Sobre o roubo, Almir detalha:

A primeira imagem num dia de ventania muito forte, faltou luz no Paúba e roubaram a imagem, o manto dela [...] no altar tinha uma toalha branca e tinha o pé de um menino [...] a imagem ficava [...] assim (Almir levanta os braços) no alto...falaram que a porta da igreja estava aberta e fomos lá ver ( a casa de Almir fica do outro lado da rua onde localiza-se a capela) não tinha mais Nossa Senhora da Conceição e um crucifixo de titânio – esse menino que roubou, hoje é um adoentado” (entrevista com Almir, em 27 de abril de 2022)

Esse relato do roubo da imagem também surgiu na entrevista com a caiçara do Paúba Cecilia Ayres e sua irmã gêmea Valdineia. Cecilia fala emocionada:

[...] fiz catequese, comunhão na nossa igrejinha [...] roubaram a imagem da Nossa Sr<sup>a</sup> da Conceição e Marlene, madre da igreja trouxe a imagem da Madre Paulina, mas em Paúba não tem devoto dessa santa Paulina. Antes, no Paúba tinha procissões de Santo Expedito, Nossa Sr<sup>a</sup> aparecida e Santa Conceição” (Entrevista realizada na praia do Pauba, Cecilia Ayres, 49 anos, trabalha em um quiosque na praia, 27 de abril de 2022).

O caiçara Almir, 50 anos de idade, relata de forma ressentida que administrou a

igrejinha durante muito tempo, e depois trabalho em Santos com os carmelitas. Foi transferido para a secretaria da capela de Boissucanga. E nos conta que “[...] agora quem administra a igrejinha é a tia dele. Quando ela começou a administrar a capela o número de católicos caiu uns 70% a maioria foi para o candomblé” (entrevista com Almir, em 27 de abril de 2022).

Seguindo a estrada que corta nosso litoral, a Rio/Santos, após sair do bairro do Paúba, cerca de 500 metros estamos no bairro/praias de Toque Toque Pequeno, esse bairro desperta a atenção, outrora habitado apenas por caiçaras foi impactado por construções de condomínios de alto padrão, cenário que desconstruiu o cotidiano dos moradores caiçaras.

Saindo da estrada Rio/Santos, descemos por uma rua que é a entrada principal desse bairro. O que vimos antes da praia: a capela de Toque Toque Pequeno, sua porta principal abre-se para a praia, em seu entorno há uma pracinha e moradias dos caiçaras que resistiram e resistem a ação devastadora que ocorreu na década de 60 quando esse espaço caiçara foi invadido pela empresa do turismo.

Há uma placa enfrente a capela de autorenhecimento e autodemarcação de um território caiçara. No ato de instalação da placa reconhecendo um território caiçara em 2020, reuniu representantes caiçaras de toda a região e se transformou numa grande festa, com café e comida típica caiçara, música e muitos causos. Através da instalação das placas financiadas pelo próprio coletivo, além de destacar que naquela área ou naquele espaço existiu um ainda existe uma comunidade caiçara, em algumas situações vai mais além: impedir que “terras caiçaras” sejam tomadas pela especulação imobiliária, como ocorreu em algumas praias de São Sebastião, como a praia de Toque Toque Pequeno.<sup>6</sup>

---

6 A placa de autorreconhecimento e demarcação do território caiçara foi instalada pela associação do Movimento Resistência Caiçara de Toque Toque Pequeno aliado ao Coletivo Caiçara, uma organização social que existe há cerca de cinco anos, envolve famílias caiçaras de Caraguatatuba, São Sebastião e Ilhabela. As placas de reconhecimento de áreas remanescentes ou habitadas por caiçaras vem sendo instaladas desde 2020, em Ilhabela, São Sebastião e Caraguatatuba. *Jornal digital Tamoios /News*. Acesso em 29 de abril de 2023.



Imagem 31- da placa instalada na praia de Toque Toque pequeno

Fonte: Compõe o material etnográfico da pesquisa/Fotografia da própria autora;2023.

Esse movimento de autorreconhecimento do território caiçara tem por base o conceito de território do geógrafo Milton Santos, onde o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2003, p. 174). O lema desse movimento de resistência é: “Identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence “.

Segundo o pesquisador Paulo Noffs, o período que vai de 1962 a 1972, observa-se como a década da etapa da liberal da construção de um “novo espaço, pois a aquisição das terras dos caiçaras era resultado das iniciativas de compradores isolados, permitindo que o urbano se desenvolvesse gradualmente[...]”.<sup>7</sup> E residências de turistas surgiram no lugar das roças, das fruteiras, dos ranchos de pesca. Noffs registra que as transformações, ocorram lentamente, não promovendo uma ruptura brusca com a estrutura anterior da pequena produção mercantil “os novos proprietários e usuários em geral acreditavam estar “compartilhando” a praia com os caiçaras”.<sup>8</sup>

7 Textos retirados do artigo ‘As Mudanças sociais e a cultura caiçara’. Paulo Noffs.

8 O Toque Toque Pequeno em 1974. Predominavam no espaço os elementos da cultura caiçara, como os arvoredos ao redor das casas, os bananais, os caminhos ligando umas casas às outras ou aos ribeirões. Fonte: NOFFS, Paulo da Silva. Os caiçaras de Toque Toque Pequeno: um estudo de mudança espacial. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/Universidade de São Paulo.USp, 1982.



Imagem 32 - Bairro /praia Toque Toque Pequeno I  
Imagens extraídas da obra de Paulo Noffs, 1982.

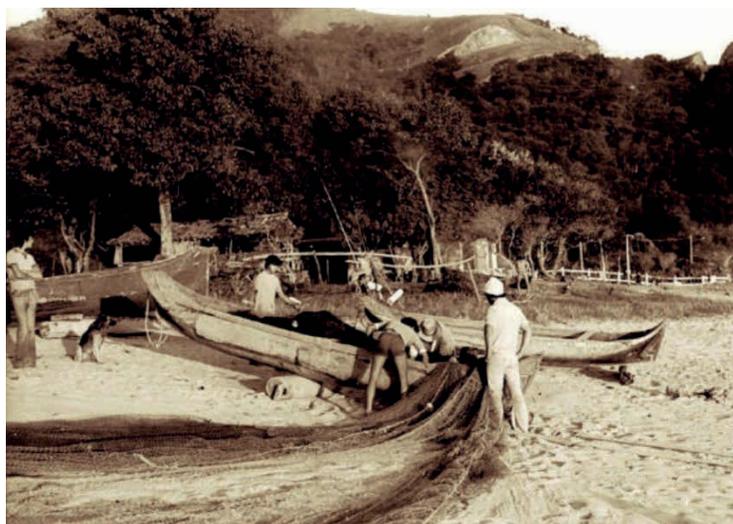


Imagem 33 - Bairro /praia Toque Toque Pequeno II  
Imagens extraídas da obra de Paulo Noffs, 1982

Nessa imagem destacamos, conforme registrou Noffs, há dois aspectos da pesca de cerco flutuante, que após tantas mudanças no início da década de 1970, tornou-se a atividade econômica mais importante praticada no bairro de Toque Toque Pequeno: o embarque das panagens da rede depois de passarem por reforma e o momento da visita ao cerco para realização da despesca.

A Empresa Albuquerque e Takaoka começou a investir no Toque Toque Pequeno, por volta de 1972, comprando as terras dos caiçaras para a implantação de um futuro empreendimento imobiliário. Conforme Paulo Noffs:

A cada nova propriedade comprada pela empresa, mais uma cerca era estendida, impedindo a livre circulação entre as casas. Com as cercas tornou-se problemático o acesso à água dos ribeirões, obrigando as famílias à instalarem bombas para retirar água do sub-solo ou a percorrer grandes distâncias até um trecho do ribeirão ainda não cercado. A praia estava deixando de ser o espaço da produção, da circulação, da sociabilidade e estava se fechando para o caiçara [...] em 1977, após ter adquirido mais de 80% das terras disponíveis, a empresa Albuquerque e Takaoka iniciou as obras de implantação de um grande loteamento." (NOFS; 1982)

Com o tempo, a comunidade/praias de Toque Toque Pequeno foi construindo moradias nas encostas da serra do mar, ou seja, no morro acima da estrada Rio/Santos, a paisagem atualmente, apresenta um grande número de bairros na encosta habitados por trabalhadores associados aos apartamentos, pedreiros, faxineiros, porteiros, vigias, jardineiro, zelador. Mão-de-obra, do trabalhado assalariado.

Antônio Candido em "Os Parceiros do Rio Bonito", revela o impacto da influência urbana em comunidades periféricas. Como aconteceu no bairro /praia de Toque Toque Pequeno e vem ocorrendo em toda a região de forma rápida e brutal. Antonio Candido demonstra, nessa obra, como a cultura caipira é transformada pelo contato com a influência da cidade e a presença de novas técnicas. Essa transformação ocorre, primeiro nos aspectos materiais do grupo, mas, de forma mais lenta e mascarada, acontece também em seus aspectos imateriais.

Antônio Candido nos alerta que devemos ter em mira que "certas culturas resolvem de maneira mais satisfatórias que outras os problemas de ajuste ao meio e às transformações sociais, graças não só ao equipamento material como à organização adequada das relações" (CANDIDO, 1997, pp. 33-34).

Na entrevista com a antiga moradora, dona Eulália Lara de Oliveira, percebe-se como o modo de vida tradicional caiçara que é a marca da paisagem, e a resistência à sobrevivência e permanência na área, foi enfraquecida. Lala é conhecida por ter resistido até hoje as investidas imobiliárias e sua casa permanece em frente à praia e na lateral da capela (entrevista realizada em Toque Toque Pequeno em 09 de junho de 2022).



Imagem 34 - Instalação da Placa Movimento resistência caiçara

Foto extraída da página do facebook.com/people/Resistência-Caiçara-de-Toque-Toque-Pequeno/criado em 28 de junho 2020. Acesso em 29 de abril de 2023. (destaque: caiçara Eulália Lara de Oliveira)

Lala relatou que havia sido zeladora da capela e que organizava reuniões com outras famílias caiçaras. Graças ao esforço do povo, a igreja de Toque Toque Pequeno foi construída entre as décadas de 1920 e 1930, em pau-a-pique. Em 1932 foi remodelado com linhas retas e simples, alterando a sua aparência, sendo posteriormente reconstruído com molduras semelhantes.

A capela é dedicada a Nossa Sra. A Imaculada Conceição. Segundo o depoimento de Eulália Lara de Oliveira “com as mudanças ocorridas, a maioria dos moradores hoje vem de outros estados, principalmente do Nordeste, que introduziu a imagem do Santo Expedito”. A caiçara Lala informou que a igreja está sob os cuidados dos novos moradores. Com tristeza nos fala que atualmente a zeladoria da capela está sob a responsabilidade desses novos moradores do bairro. Michel Certeau argumenta que o espaço é produzido pelas práticas e relações estabelecidas dentro dele, e que as questões do uso do espaço representam domínios fundamentais de arranjos e tensões políticas. São, na mesma medida, o palco da vida cotidiana dos atores sociais e, portanto, o tempo e o lugar onde a ação é possível (CERTEAU, 2014.p. 191).

Abumanssur, ressalta que o espaço sagrado é feito de e por pessoas, com suas vicissitudes, itinerários, ritmos e memórias e nos provoca ao registrar “para compreendê-lo, há que se olhar para o grupo que o criou” (ABUMANSUR, 2004.p. 175).

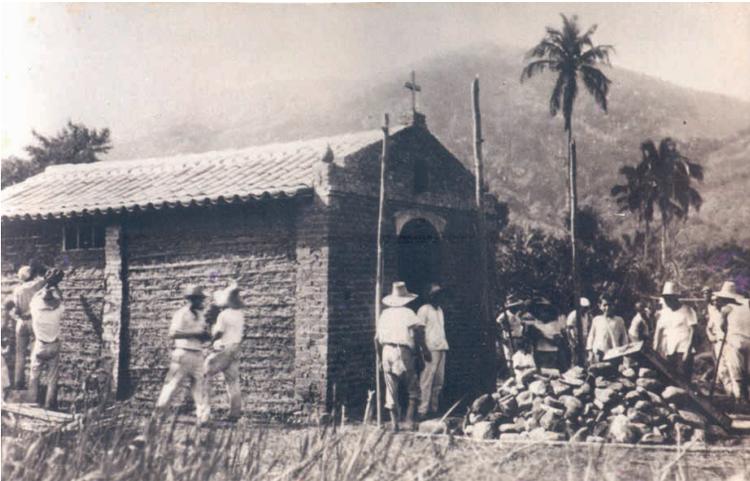


Imagem 35,36, 37 - Praia de Toque Toque Pequeno III- mutirão para a construção da capela(1923)  
Fotos do acervo do Arquivo público municipal, datada de 1923

A construção da capela movimentou todos os moradores, mulheres e crianças também participaram da construção desse santuário. E no dia da inauguração conforme a imagem que segue (Fotografia n. 18) os caiçaras vestiram sua melhor roupa, as crianças enfeitadas, e de acordo com o costume da época, não usavam sapatos. Seus rostos estavam cheios de expressões de contentamento.

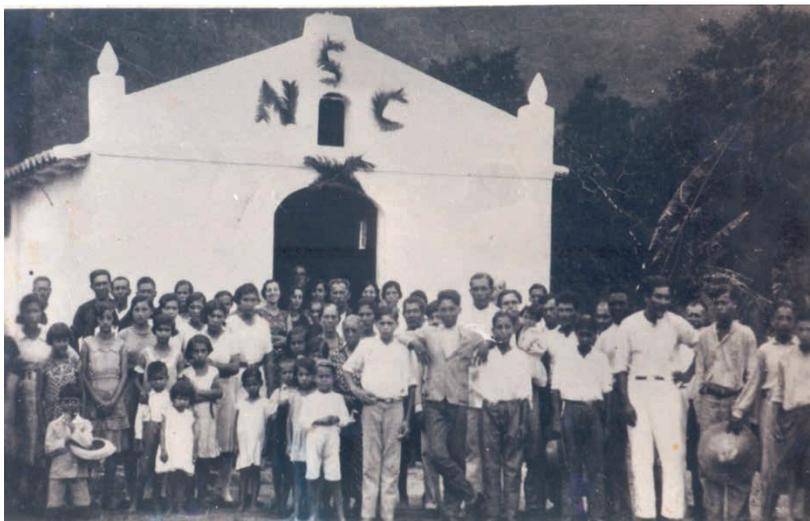


Imagem 38 - Praia de Toque Toque Pequeno, dia da Inauguração da Capela

Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal, 1994





Imagem 39 e 40 - Praia de Toque Toque Pequeno IV

Fonte: Compõe o material etnográfico da pesquisa/Fotografia da própria autora;2022.

Ao considerar a religião uma prática de mediação que precisa fabricar materiais para existir, como aponta Birgit Meyer, a capelinha de Toque Toque Pequeno, foi erguida por mãos caçaras, famílias devotas de Nossa Sra. Da Imaculada Conceição para formar o bairro necessitavam erguer, em primeiro lugar, um templo para cultivar a santa, pedir proteção, realizar liturgias, casamentos e batizados.

Como aponta Abumanssur a ideia de que o templo é símbolo:

O templo constitui o eixo simbólico de da Tal edifício apontaria para uma realidade q1ue lhes transcende e o dignifica, dá-lhe razão de ser, e torna-o vértice do espaço circundante. Ele, além de vértice, é também o vórtice do sentido de tudo que o cerca. Não só atrai para si o sentido para o seu entorno. Esse é o peso dos lugares sagrados, suficientes para ancorar toda a realidade em volta. (ABUMANSUR, 204.p. 180)

O templo constitui o eixo simbólico da comunidade caçara. Nesse espaço se administram os “bens de salvação” sem os quais o cristão não pode viver nem morrer em paz. Ao erguer a capela, estavam construindo a morada de Deus. O espaço sagrado onde imanência e transcendência se comunicam regularmente. Seu entorno, temos a praça, é o espaço de socialização no qual os caçaras e os que vêm das redondezas travam contato, fazem as festas da padroeira e desfilam processionalmente. Edin Sued Abumanssur considera o espaço do templo como um território sagrado. Há uma sacralidade do lugar que está presa ao seu espaço, registra Abumanssur “essa sacralidade é referente a algo que se revela de fora e remete a tempos primevos, imemorais. O papel reservado ao homem é o do mero reconhecimento de tal revelação.” (ABUMANSUR, 2004.p. 173)

Ao apresentar as capelas e como elas foram e ainda são o centro de formação do próprio bairro, propomos refletir sobre o agenciamento desses templos religiosos, destacando que o importante não são os homens caçaras nem mesmo os objetos, no caso os templos, mas as relações nas quais homens e objetos aparecem constituídos.

**Recorremos ao antropólogo britânico** Tim Ingold nos alerta que não são as coisas que possuem vida ou agência porque a própria vida é inerente às coisas, isto é, “as coisas participam da teia da vida, sejam elas pessoas, materiais, animadas, inanimadas.” Assim, parece-nos acertada as palavras de Ingold onde uma “melhor apreciação dos fluxos materiais e correntes de consciência sensorial nos quais tanto as ideias como as coisas tomam forma reciprocamente” (INGOLD, 2015.p. 35).

Durante o trabalho de campo, com um olhar atento para articular religiosidade e materialidade focando a construção de capelas, tornou-se evidente que as capelinhas caiçaras possuem uma biografia que ultrapassa os limites da edificação. Entre as capelinhas caiçaras protegidas por lei municipal, optamos em apresentar três capelas que foram edificadas e modelam o modo de viver das comunidades circundantes. Essas construções afetam o cotidiano do caiçara.

Ao observar a capela do bairro de Toque Toque Pequeno, por exemplo, compreendemos o quanto o homem caiçara resiste ao processo de alteração do seu modo de vida. A introdução de novos elementos culturais advindos de novos moradores afetou a comunidade. Na fala de dona Lala, claramente, percebe-se uma reação e resistência ao imigrante que chegou no bairro e introduziu um “outro santo de devoção”. As intervenções na edificação da capela, seja uma nova pintura, a inserção de uma nova janela, são ações que encontram resistência por parte das famílias de caiçaras.

E pertinente concluir esse tópico destacando uma outra capela localizada no centro da cidade. Trata-se da capela de São Gonçalo. Sua construção se deu por devoção particular a Nossa Senhora do Carmo e a São Gonçalo de Amarante. Por sua importância arquitetônica e histórica, a capela foi tombada pelo Condephaat no ano de 1969.



Imagem 41- Capela São Gonçalo, 1940

Acervo de Agnelo Ribeiro, década de 40. Arquivo público Municipal.

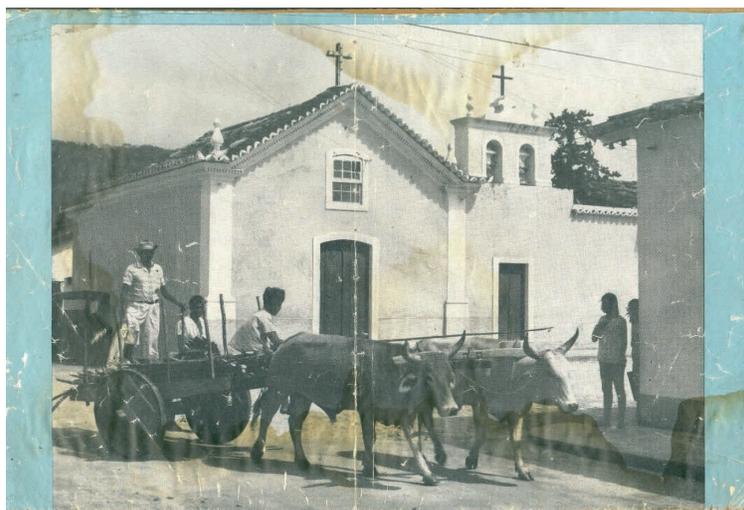


Imagem 42 -Capela São Gonçalo, 1960

Acervo do Arquivo Municipal. Década de 60.

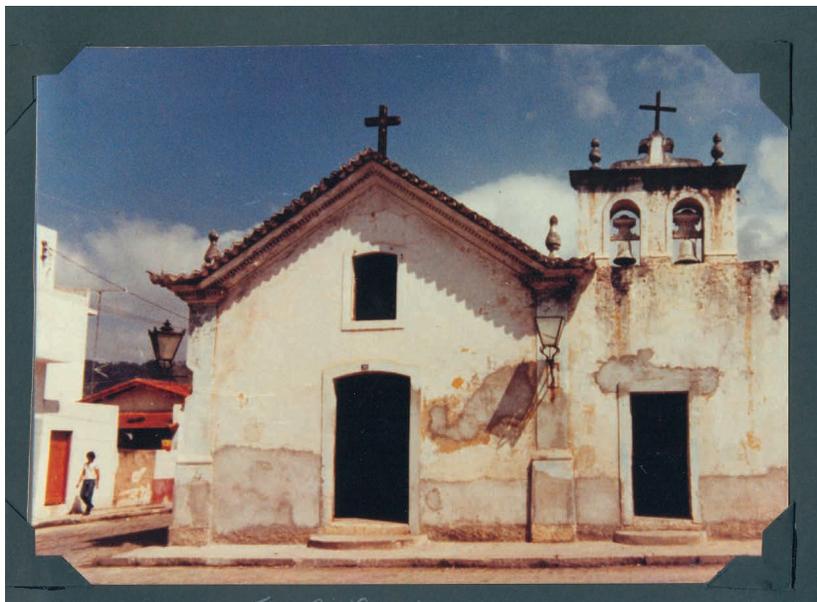


Imagem 43 - Capela São Gonçalo, 1980  
Acervo do Arquivo Público municipal, década de 80



Imagem 44 – Capela São Gonçalo, atualmente Museu de Arte Sacra  
Fonte: Acervo Arquivo Histórico Municipal, 2018

A capela com pequenas dimensões, constituiu-se importante exemplar da arquitetura religiosa da época colonial. Sua construção, em pedra assentada sobre barro, situa-se em fins do século XVII e início do século XVIII.

A fachada da capela caracteriza-se um frontão de conformação triangular determinada pelas duas águas do telhado, tradicionalmente utilizadas nas construções da época. A terminação do beiral é formada por cimália de estuque, saliências que dão um arremate à parte superior das paredes e que tem por função sustentar as telhas dos

beirais, dispostas transversalmente ao caimento do telhado e denominadas beira e bica. Nos ângulos externos do edifício, nas suas quinas, temos os cunhais, colunas em relevo desenhado, que concluem as terminações das paredes.

A porta de entrada da nave recebe elementos decorativos em alto-relevo e sua verga, ou moldura superior tem o traçado em linha curva, configuração conhecida como “arco-abatido”. Assim, também se apresenta a janela disposta sobre a porta, chamada “janela do coro”.

A fachada contém ainda uma porta lateral, que recebe um tratamento mais simples em verga reta. E sobre ela se localiza o campanário, pequena torre onde se encontram os dois sinos.

O desenho superior do campanário é composto por dois coruchéus, arremates em forma cônica, no ponto mais alto do edifício. Entre os coruchéus encontramos o tradicional acabamento em forma de flor-de-lis.

Ao lado da porta lateral, o muro que delimita o pátio interno é coberto por telhas, solução muito utilizada na época para proteção contra as águas de chuva, evitando-se que o barro utilizado nessas construções se desmanchasse pela ação da água. Internamente a capela apresenta dois espaços definidos através do arco do cruzeiro, que separa a nave do altar. Possui um corredor lateral de acesso à sacristia e ao pátio interno. Desse corredor também se alcança o coro, situado na parte superior da entrada que é guarnecido por um guarda-corpo ou gradil; em madeira recortada.

É uma capela simples que possui uma decoração interna cuidadosa, como se pode observar no retábulo, conjunto dos trabalhos que compõem o fundo do altar-mor e que guarnecem o nicho onde se encontra a imagem de São Gonçalo, destacando-se aí as colunas em madeira trabalhada. Sabe-se que o retábulo passou por uma reforma no século XIX.

Aos longos dos anos a edificação foi se deteriorando. Em 1970, por apresentar estado precário de conservação, deixa de oferecer condições para a prática litúrgica pela comunidade. Após sofrer intervenção de restauro em 1978, passou a ter função museológica em 1981, ao abrigar o acervo de imagens, paramentos, missais, equipamentos litúrgicos e processionais da paróquia sebastianense, com o nome de Museu de Arte Sacra de São Sebastião. No decorrer das décadas seguintes sua existência foi oficiosa, pois somente em 2005 foi instituído por meio da Lei Municipal 1781/05 (SEBASTIÃO; 2005). Apesar da origem paroquial de seu acervo, a imaginária religiosa esteve presente de forma significativa no cotidiano doméstico dos moradores da região.

No altar-mor da capela encontra-se a imagem de São Gonçalo do Amarante, do século XVII. O culto a este Santo, mártir jesuíta, é praticado no Brasil desde os primeiros séculos da colônia. As imagens clássicas de São Gonçalo representam-no como um padre com um livro na mão esquerda, e um bordão, símbolo de santos peregrinos, na mão direita. Existe uma representação popular do Santo em que este aparece com uma viola a

tiracolo. O Santo querido por todos os moradores da cidade, nesse espaço sagrado para os caíças, muitos casamentos, batizados e velórios foram realizados.

A capela hoje abriga o Museu de Arte Sacra da cidade, possui um número total de bens culturais que compõe o acervo de 47 obras em exposição e 108 obras na reserva técnica. A maior movimentação ocorre recebe por ocasião das duas festas em sua sede: o encontro de Folias de Reis na abertura da festa do padroeiro São Sebastião, em 06 de janeiro; outra é a festa de Nossa Senhora do Carmo, resultante do período em que a capela foi administrada pela Ordem Carmelita.



Imagem 45 – Interior da Capela São Gonçalo



Imagem 46 - Imagem Sacra de São Gonçalo – datada do século XVII  
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Sebastião, 2000.

## REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. A arte, a arquitetura e o sagrado. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 02, nº 02, set. 2000, p.188. Acessado em 27 de outubro de 2021. Disponível no site: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads\\_01/visit.php?cid=37&lid=2138](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/visit.php?cid=37&lid=2138).

\_\_\_\_\_. As moradas de Deus. Arquiteturas de Igrejas Protestantes e Pentecostais. Editora Cristã Novo Século, 2004

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na rua. Campinas: Ed. Papirus. 1989.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. Universidade de São Paulo. Anuário Antropológico/92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1994, pp.223-231. Disponível no site: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1992/anuario92\\_lucianabittencourt.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1992/anuario92_lucianabittencourt.pdf). Acessado em 27 de outubro de 2021.

CAMPOS, Jurandir Ferraz (organizador). Santo Antônio de Caraguatatuba. Caraguatatuba. Editora Fundacc, 2000.

DURKHEIM, Emilé. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

MEYER, Birgit. Como as coisas importam: uma abordagem material da religião. In: Como as coisas importam: uma abordagem material da religião Emerson Giumbelli, João Rickli [e] Rodrigo Toniol (organizadores). Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2019, pp.88-96.

\_\_\_\_\_. Louvado seja o Senhor": Cinema popular e estilo pentecostal na nova esfera pública de Gana. " Praise the lord – Popular Cinema and Pentecostallite Style on Glana's New Public Sphere . American Ethnologist, 2004.pp. 92 – 110.

\_\_\_\_\_. Mediação e a gênese da presença: rumo a uma abordagem material da religião. IN: Como as coisas importam: uma abordagem material da religião Emerson Giumbelli, João Rickli [e] Rodrigo Toniol (organizadores). Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2010, pp.159-209.

\_\_\_\_\_. Mediação e Imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 145-164, dez. 2015. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/53464>>. Acesso em: 15 abr. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/campos.v16i2.53464>.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. Ponto Urbe, Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 03. 2008, p.07. Acessado em 19 de abril de 2019. Disponível no site: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1925>.

\_\_\_\_\_. Worlds of sense and sensing the world: a response to Sarah Pink and David Howes. Social Anthropology/ Anthropologie Sociale nº 19. 2011, pp.3313-317.

\_\_\_\_\_. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes. 2015, pp.103-104.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mun-do de materiais. Horizontes Antropológicos , Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012

MORGAN, David. *The sacred gaze. Religious visual culture in theory and practice*. Los Angeles: University of Califórnia Press. 1ª Ed. 2010, pp.04-194.

NOFFS, Paulo da Silva. *Os caiçaras de Toque Toque Pequeno: um estudo de mudança espacial*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/Universidade de São Paulo.USp, 1982

PAES, Sílvia Regina. *A herança indígena na cultura caiçara*. Cad. Pesq. São Luís, v. 17, nº 03, set/dez. 2010, p.73.

\_\_\_\_\_. *Espaço da vida, espaço da morte na trajetória caiçara*. Dissertação de mestrado. Araraquara: Unesp. 1998, pp.19-26.

RENDERS, Helmut. *A cultura visual religiosa como linguagem religiosa própria: propostas de leitura*. Belo Horizonte, v. 17, nº 53, maio/ago. 2019, pp.704-722. Acessado em 27 de outubro de 2021. Disponível no site: [https://www.academia.edu/42219078/RENDERS\\_H\\_A\\_cultura\\_visual\\_religiosa\\_como\\_linguagem\\_religiosa\\_pr%C3%B3pria\\_propostas\\_de\\_leitura\\_HORIZONTE\\_v\\_17\\_n\\_53\\_p\\_702\\_722\\_maio\\_ago\\_2019](https://www.academia.edu/42219078/RENDERS_H_A_cultura_visual_religiosa_como_linguagem_religiosa_pr%C3%B3pria_propostas_de_leitura_HORIZONTE_v_17_n_53_p_702_722_maio_ago_2019).

SOUZA, Patricia. *Religião Material : o estudo das religiões a partir da cultura material*. Doutorado em Ciência da Religião.São Paulo:PUC - Pontificia Universidade Católica,2019

ZALUAR, Alba Maria. *Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no cat*